

PROCESSOS FONOLÓGICOS: PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA.

Izabel Cristina Barbosa de Oliveira¹

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo observar e analisar quais processos fonológicos são mais frequentes na escrita de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II de uma escola Estadual do Estado de Pernambuco e investigar e propor possíveis formas de sanar tais dificuldades. Segundo Simões (2006) alguns erros ortográficos são decorrentes de processos de alfabetização baseado na memorização e não na conscientização dos usos das letras. E, seguindo a visão de Cagliari (1996), é preciso desde as séries iniciais trabalhar a consciência fonológica da criança a fim de aprimorar seu processo de aquisição da escrita. Para isto, foi necessário utilizar 4 aulas de Língua Portuguesa para pedir aos alunos que criassem 2 textos de temas distintos. Os alunos são provenientes, em sua maioria, de escolas públicas, inclusive nas séries iniciais. Foram escolhidos 2 textos de alunos distintos para serem analisados. Percebeu-se que alguns desses problemas, como: os róticos, a troca do /n/ pelo /m/, a troca de surdas por sonoras, a substituição de líquida e harmonização vocálica, podem ser sanados com atividades de leitura e reescrita, de maneira reflexiva, e atividades que desenvolvam a consciência fonológica da Língua Portuguesa. O projeto ainda está em andamento, desenvolvendo atividades de leitura e reescrita a fim de diminuir o número de incidência dos processos fonológicos observados.

Palavras-chave: processos fonológicos. consciência fonológica. atividades de leitura e escrita.

¹ Formada em Letras (Português-Francês) pela UFPE, pós-graduada em Inglês (FAFIRE), Espanhol (UFPE), Libras (FIJ) e Português (Barão de Mauá). Mestranda pelo ProfLetras (UPE – *Campus* Mata Norte). Técnica em Tradutor/Intérprete de Libras (ETEASD). Professora na SEDUC-PE e professora colaboradora na UFRPE e UPE. Contato: Izabel_cbarbosa@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Primeiramente é importante diferenciar o estudo da fonética e da fonologia para uma melhor compreensão do que será analisado. A fonética preocupa-se com “o levantamento de todos os sons produzidos pelos falantes – sons da fala” e a fonologia preocupa-se com as “diferenças fonemáticas [...] as quais produzem as distinções entre significante e significado numa língua”, deixando de lado as diferenças dialetais, segundo Simões (2006, p.17-18).

Além desta diferenciação, é importante ressaltar que, de acordo com Simões (2006, p.49) as “dificuldades ortográficas não é exclusivamente nem pressupostos da alfabetização”. Como na Língua Portuguesa existem várias ocorrências de fonemas que possuem o mesmo som, este fato pode gerar dúvidas na hora de o educando escrever determinadas palavras que ocorram estas semelhanças fonológicas. É imprescindível desenvolver atividades que estimulem a consciência fonológica dos educandos a fim de minimizar tais problemas ortográficos.

Outro ponto importante é a qualificação do profissional que se depara com tais problemas, um professor consciente das causas destes processos fonológicos é um profissional que pode contribuir imensamente para a solução destas ocorrências, conseqüentemente, a orientação e desenvolvimento de atividades reflexivas com estes alunos.

Ensinar fonologia desde cedo, e também nas séries iniciais, é uma das formas que levam os alunos a pensarem sobre como escrever e com que letra escrever. Alguns fonemas podem ser observados em várias formas de escrita, e isto, induz o aluno ao erro se este não tiver desenvolvido sua consciência fonológica.

Desta maneira, não só a fonologia, mas também um profissional consciente de sua prática docente serão a base para um trabalho mais significativo sobre as práticas de ensino da ortografia. Com atividades reflexivas, significativas e contextualizadas.

2. PROCESSOS FONOLÓGICOS OBSERVADOS E ANALISADOS

Vários processos fonológicos foram observados e dois, especialmente, chamaram atenção na escrita de dois alunos do Ensino Fundamental II. Os alunos têm em média 13 a 15 anos e apresentam problemas considerados básicos na hora de redigir um texto.

Foi proposto a criação de 2 textos, em aulas distintas. Um sobre a importância da leitura e outro sobre um evento que eles tenham participado durante o final de semana.

Os textos do aluno J.G. apresentam alguns problemas de ordem fonológica, como, por exemplo, a troca do /n/ pelo /m/, além de trocar o /c/ pelo /g/ e o /p/ pelo /t/. E a troca do /s/ final pelo /z/. Também observaremos que nos textos do aluno I. aparecem alguns erros com relação ao uso do /e/ final, trocando-o por /i./, também se constatou a ausência do /r/ após a sílaba e a troca do /n/ pelo /m/.

De acordo com Oliveira (2015, p.4)

a distinção entre sonora e surda pode ser claramente percebida na pronúncia de pares de consoantes como [p] ~ [b], [t] ~ [d], [k] ~ [g], dentre outras, que se opõe a apenas pelo traço de vozeamento. Enquanto [p, t, k] são classificadas como não vozeadas, por terem pouca vibração das cordas vocais, [b, d, g] são classificadas como vozeadas, por terem maior vibração das cordas vocais.

Desta forma percebemos que na verdade, tais fonemas possuem os mesmo pontos de articulação, diferenciando apenas em serem vozeados ou não. Observe o quadro abaixo onde há a classificação dos fonemas e perceba a semelhança com relação à classificação dos segmentos consonantais.

Iremos analisar primeiramente os textos do aluno J.G.. Daremos ênfase aos símbolos que apresentam problemas nos processo fonológicos observados nos primeiros textos analisado do aluno J.G.

Símbolo	Classificação do segmento consonantal	Exemplo ortográfico	Transcrição fonética
p	Oclusiva bilabial desvozeada	pata	[ˈpata]
t	Oclusiva alveolar desvozeada	tapa	[ˈtapa]
k	Oclusiva velar desvozeada	capa	[ˈkapa]
g	Oclusiva velar vozeada	gata	[ˈgata]

Tabela 1 – (adaptado de Silva, 2013, p.37)

Relacionando ao quadro visto, observa-se que o estudante escreve as palavras emprego, gosto, gostei e ganhou da seguinte maneira: *empreco*, *coisto*, *coistei* e *canhou*, ocorrendo a troca do [k] pelo [g]; e a palavra “*pem*” no lugar de “*tem*”, quando ocorre a troca do [t] pelo [p]. Erros presentes no texto sobre a importância da leitura e o futebol de J.G.

O [k] e o [g] são oclusivas velares, isto significa que, possuem o mesmo ponto de articulação: velares; a mesma maneira: oclusivas, mas diferenciam-se no lugar (desvozeada e vozeada, respectivamente).

E com relação ao uso do [p] pelo [t], observamos que ambas são oclusivas, mas se diferem, pois a primeira é bilabial e a segunda é alveolar, apesar de terem dois pontos em comum, a maneira: oclusivas; e o lugar: desvozeada.

Desta forma, percebemos que os erros podem ocorrer devido a proximidade da produção destes fonemas, e com a proposta de um trabalho direcionado, pode-se minimizar ou superar tais problemas.

Cagliari (2008, p.33-34) alerta quanto a estes “*pares suspeitos*, formados de pares de sons foneticamente semelhantes, [...]. Dois ou mais sons são foneticamente semelhantes quando compartilham um número maior de propriedades fonéticas do que se opõem por elas”. Isto é o que pode está ocorrendo nos textos observados e analisados, a semelhança na produção dos fonemas pode acarretar problemas na escrita dos alunos.

Othero (2005, p.10) também se refere a este processo fonológico utilizando o termo *sonorização pré-vocálica* e afirma que “é a realização das consoantes plosivas, fricativas ou africadas surdas como sonoras antes de um com vocálico”.

Também foram encontrados processos fonológicos como o uso do /n/ pelo /m/, erro cometido pelos dois alunos, como em: *emportamte* (J.G.), *gemte* (I.); o /r/ pelo /l/, em: *escrusivo*, *praka*; o /c/ pelo /s/ e vice-versa, como em: *velosidade* e *cer*.

Analisaremos cada um na ordem em que foi apresentado. Estas palavras ocorreram todas no texto sobre o futebol, que aparentemente foi um tema mais prazeroso de ser escrito e teve 5 linhas a mais que o texto sobre a leitura. Quanto mais se escreve, aparentemente, de maneira proporcional, cometem-se mais erros ortográficos.

O primeiro processo, que aparece no texto do aluno, é a troca do uso do fonema /n/ pelo /m/, aparentemente pela falta de consciência fonológica, pois as escolas, de forma geral, ensinam os alunos a decoraram a regra do uso de ‘m’ e ‘n’ e não faz nenhuma alusão às questões fonéticas e fonológicas que existem por trás desse processo. Simões (2006, p.33) explica “cumpre lembrar um fato ortográfico (relacionado com a nasalidade) que não é discutido, mas apenas decorado: antes de [p] e [b] só se escreve [m].

E continua afirmando que “os três fonemas /p/, /b/ e /m/ representados por aquelas letras, se produzem nos lábios, são consoantes labiais. Logo, por comodidade articulatória [lei do menor esforço [...], passa-se de /p/ ou /b/ para /m/ sem mudar a posição dos lábios.” (SIMÕES, 2006, p.34)

Como os sons /n/ e /m/ levam a nasalidade, alguns educandos, que ainda não desenvolveram a consciência fonológica, costumam trocar ou utilizar o acendo diacrítico como forma de marcação sonora desta nasalidade, mesmo que de forma incorreta, sem gerar problemas no sentido (Câmara, 1977). Ainda seguindo esta linha de pensamento, Simões (2006, p.34) afirma que “para simplificar a explicação, tem-se que antes de labiais – [p] e [b] – usa-se o [m]. Antes das demais consoantes, usa-se [n].

Desta forma justifica-se o uso de labial junto à labial e das demais, não labiais, por eliminação, por travador não labial representado na escrita por [n].”

Já na troca do /r/ pelo /l/, Othero (2005, p.9) se refere ao processo de *substituição de líquida* que consiste na “substituição de uma consoante líquida – lateral ou não-lateral – por outra líquida. E ao invés do aluno ter escrito, placa e exclusivo, acabou escrevendo, *escrusivo* e *praka* no texto sobre Futebol.

No caso da troca do /c/ pelo /s/ e vice-versa, como podemos perceber nas palavras *velosidade* e *cer*, observamos que o /c/, o /s/ e o /z/ em posição inicial de sílaba, são produzidos da mesma maneira, desvozeadas, exemplos: [s]ala, [s]enoura, [s]apato. Com muita atenção para o uso do /z/ entre as vogais, pois será vozeada, com em ca[z]a.

Devido a esta semelhança, é possível que o aluno, sem o desenvolvimento prévio da consciência fonológica, mas percebendo que os sons são iguais, não sabe discernir quando se deve escrever com /c/, /s/ ou /z/, levando-o a grafar as palavras de maneira incorreta, palavras encontradas no texto do Futebol.

Por último, podemos perceber um processo de hipercorreção no texto de J.G. quando grafa a palavra *emportante*, presente no texto sobre a importância da leitura. Simões (2006, p.56) explica que este processo

é decorrente de uma pronúncia alfabética muito típica do comportamento de alfabetizadores tradicionais, onde a leitura oral se fazia – erradamente – de modo a causar a impressão de que o fonema estivesse inscrito na letra (ou grafema), ou que houvesse correspondência biunívoca em entre fonema e grafema.

A partir de agora, vamos analisar os textos criados pelo aluno I. da mesma série que o anterior. Nos textos, a importância da leitura e futebol, I. apresenta, dentre outros processos, a troca do /e/ e do /o/ em final de sílaba pelo /i/ e /u/ respectivamente, que podem ser classificada como uma harmonização vocálica. Segundo Oliveira (2015, p.19) este processo se caracteriza pelo fato de que “as vogais

pretônicas assimilam o traço da vogal seguinte, tornando-se altas como a vogal tônica”, como encontrado na palavra: *importanti* e em *amigu* e *padastru*.

Antes de analisarmos a forma *domi*, é indispensável uma explicação breve do que seria o nome deste processo: os róticos. Segundo Oliveira (2015, p. 38) “todas as variantes da vibrante são denominadas de róticos, incluindo a fricativa velar. Exceto, obviamente, a semivogal”.

Assim, a ausência do /r/ no final da primeira sílaba e no final da palavra são exemplos de róticos. “Os róticos, na Língua Portuguesa e nas demais línguas do mundo, têm um comportamento extremamente variável, apresentando uma multiplicidade de variantes, principalmente se em posição medial” (OLIVEIRA, 2015, p.38). Observe a tabela 2 abaixo.

	[r]	[R}	[x]	[]	[h]	glide
Posição	ca[r].ta	ca[R].ta	ca[x].ta	ca[].ta	ca[h].ta	ca[j].ta
Medial	ga[r].fo	ga[R].fo	ga[x].fo	ga[].fo	ga[h].fo	ga[w].fo
Posição	ma[r]	ma[R]	ma[x]	ma[]	ma[h]	
Final	can.ta[r]	can.ta[R]	can.ta[x]	can.ta[]	can.ta[h]	

Tabela 2 – (adaptado de Oliveira, 2015, p.38)

É importante ressaltar que no Nordeste, em posição final, a variante [0] é mais produtiva em todas as palavras (OLIVEIRA, 2015). E continua explicando que quando consideramos a posição, nos verbos, o apagamento final é bastante comum. Desta forma, o aluno apresentou as duas formas possíveis deste apagamento na mesma palavra, o fonema /r/ desaparece na posição final, tanto da primeira sílaba, quanto no final do verbo dormir.

Alguns erros ortográficos podem ser cometidos por questões de variações regionais, embora, um trabalho docente bem orientado pode melhorar a clarear estes equívocos. O respeito às várias maneiras de pronunciar uma palavra é fundamental e não deve ser visto com preconceito linguístico, pois não existe uma forma mais correta

que outra. Em um país com dimensões continentais, como o Brasil, é normal que existam variações decorrentes de ordens, como: tipo de colonização, social, faixa etária, cultural, etc.

3. A PRÁTICA DOCENTE E PROPOSTAS DE TRABALHOS

A leitura ainda é uma das principais ferramentas que podem ser utilizadas para desenvolver a consciência fonológica do aluno, com a devida orientação, perguntas norteadoras e atividades pra trabalhar o vocabulário exposto. Não a leitura pela leitura apenas.

Simões (2006, p.43) “quanto aos exercícios escolares, dentre outros, o treino ortográfico e o ditado são técnicas utilíssimas para domínio das formas escritas, pois permitem analisar cada forma da língua isoladamente, observando cada um dos elementos que a compõem.”

A discussão atual sobre o ditado, que alguns teóricos da área de pedagogia condenam, está no fato de ele ser utilizado sem nenhuma finalidade aparente, apenas o de reproduzir as palavras de maneira mecânica, e nas correções não se ter nenhuma alusão sobre as regras fonológicas que acabam influenciando e refletindo no processo ortográfico.

Como afirma Cagliari (1996, p.31)

A criança que escreve *disi* escreve algo possível para o sistema da escrita do português, só que não escreve na forma ortográfica. O mesmo faz a criança que escreveu *patio* (*patinho*), *mecadio* (*mercadinho*), *qieasiora* (*que é a senhora*). Se a escola distinguisse claramente os problemas de fala dos problemas de escrita, veria essas escritas como escritas de fala, e feitas com uma propriedade fonética tão grande que chega a ser comovente a consciência que as crianças têm do modo como falam.

Pudemos perceber que alguns erros ortográficos, presentes nos textos dos alunos, foram devido às grandes possibilidades que o nosso idioma permite, mas não aceito nas regras ortográficas. Os fonemas que apresentam mais de uma forma de ser escrito causam este choque nos alunos.

Quando o professor, qualificado e consciente, desenvolve atividades que orientem os alunos para os diversos usos das letras, levando-os a compreender e não a memorizar, a aprendizagem será mais significativa e os erros poderão diminuir consideravelmente. Pois, a partir deste momento, o aluno pensará e refletirá sobre qual letra utilizar em determinado vocábulo.

Cagliari (1996, p.87) expõe que

Certamente, na alfabetização não é oportuno ensinar-se tudo sobre Fonologia. O ensino precisa ser programado ao longo de todas as séries do 1º e do 2º grau. Mas há técnicas fonológicas que com certeza são de grande interesse para a professora de alfabetização, que, empregando-se, poderá realizar atividades que motivem o aluno, além de ensinar como certos fatos da língua funcionam, por exemplo, a noção de oposição, de variação, de sistema. Pode ser útil, sobretudo, efetuar os testes de comutação.

Ter conhecimento de como trabalhar a fonologia associada às aulas de língua portuguesa, especialmente, à ortografia, é uma das estratégias que certamente surtirão efeito na produção escrita dos alunos. Uma vez que os levaram a refletir sobre o processo de escrita.

Outra função que professor deve exercer é o de deixar o aluno familiarizado com diversos gêneros textuais e com o livro em si, pois muitas crianças não trazem de casa o hábito de manuseá-los, nem de ver seus pais lendo. Criar um ambiente que “respire” leitura e que estimule sua curiosidade no ato de ler. Além de contextualizar o uso do Português desde as primeiras séries, para que o aluno possa começar a associar as possibilidades de uso da língua.

Pode-se iniciar este trabalho a partir do contexto do aluno, conhecendo o que eles já trazem de casa, seu conhecimento prévio, como eles entendem a oralidade e como percebem/ produzem isso na escrita. Simões (2006, p. 58) afirma que

[...] há muito que se ressalta a importância da exploração do universo imediato da criança como ponto de partida para as aprendizagens em geral. Assim, tomar as formas gráficas emergentes da fala original da criança como elementos deflagradores do processo de aquisição da escrita parece-nos o procedimento mais adequado, pois, além de prestigiar o desempenho linguístico na variante transmitida [...], vai-se fazendo um paralelo entre o que se fala, e que se escreve/o que se lê, isto é: entre os diferentes modos de dizer algo oralmente ou por escrito etc.

O objetivo do ensino de Língua Portuguesa deve estar voltado a sua ampliação, utilização e contextualização do idioma, tanto na modalidade escrita, quanto na oral. Na visão de Cagliari (1996, p.28) explica que

O objetivo mais geral do ensino de português para todas as séries da escola é mostrar como funciona a linguagem humana e, de modo particular, o português; quais os usos que tem, e como os alunos devem fazer para estenderem ao máximo, ou abrangendo metas específicas, esses usos nas suas modalidades escrita e oral, em diferentes situações de vida. Em outras palavras, **o professor de português deve ensinar aos alunos o que é uma língua, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos lingüísticos, nas mais variadas situações de suas vidas.**

A partir do momento em que o aluno é capaz de selecionar a forma de se expressar nos diversos lugares que frequente e, também, saiba utilizar da melhor maneira possível a ortografia, perceber-se-á que escola, e o professor, estará cumprindo o seu papel diante da sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a observação dos processos fonológicos que ocorrem em alguns textos de alunos estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental II, é possível constatar que ainda existe falha no processo de alfabetização destes alunos.

Este pode ser um reflexo de como a escola não está dando oportunidade de os alunos desenvolverem a consciência fonológica desde o início de sua formação pela escola. Outro ponto de extrema importância é observar qual é o perfil do profissional que está atuando como professor de alfabetização e de Língua Portuguesa, sua formação e se há algum tipo de qualificação deste profissional.

É sabido que alguns não buscam se qualificar, por diversas razões, dentre elas: tempo e questões financeiras; o que necessariamente irá refletir em sua prática docente e prejudicar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Também foi possível perceber que existem várias formas de se trabalhar a ortografia a fim de minimizar ou sanar definitivamente os problemas de produção escrita dos alunos, associado ao ensino da fonologia, que conseqüentemente desenvolverá a consciência fonológica deste aprendiz.

A escola deve cumprir seu papel social e desenvolver estratégias para que os alunos aprendam e aprimorem sua escrita, e também a oralidade, e saibam contextualizar o uso da Língua Portuguesa em diversos nos ambientes que frequentem.

Não foram selecionados todos os processos fonológicos presentes nos textos dos alunos, mas foi suficiente para que outros profissionais tenham uma ideia da importância de um trabalho mais consciente sobre o ensino da fonologia a fim de desenvolver a consciência fonológica do aluno e aprimorar seu processo de escrita.

Espera-se que outros professores, das áreas de alfabetização e Língua Portuguesa, também possam colaborar com pesquisas mais aprofundadas sobre o tema e desenvolvam estratégias que venham a contribuir para consolidação do ensino

de fonologia nas escolas e, também, para o processo de qualificação dos profissionais envolvidos.

REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 9ª edição, Editora Scipione, São Paulo, 1996.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise Fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Mercado das Letras, São Paulo, 2008.
- OLIVEIRA, Demerval da Hora. **Fonética e Fonologia**. UFPB Virtual. Disponível em: <http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wp-content/uploads/2009/07/Fonetica_e_Fonologia.pdf>. Acesso em: 19 de abril de 2015.
- OTHERO, Gabriel de Avila. **Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança**. *ReVEL*, N.3, N.5, 2005. ISSN 1678-8931. [www.revel.inf.br].
- SILVA, Thaís C. **Fonética e Fonologia do Português, roteiro de estudos e guia de exercícios**. Editora contexto, São Paulo, 2013.
- SIMÕES, Darcila. **Considerações sobre a fala e a escrita**. Parábola, São Paulo, 2006.